

FACULDADE DE CONCHAS – FACCONNECT

SOLANGE SANTOS SACIOTTI SERAPIÃO

**ENTRE O CONVITE E O ENCONTRO:  
O PAPEL DO CONTADOR DE HISTÓRIAS COMO CONSTRUTOR DE ‘PONTES’**

SÃO PAULO

2021

SOLANGE SANTOS SACIOTTI SERAPIÃO

**Entre o convite e o encontro:**

**O papel do contador de histórias como construtor de 'pontes'**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de pós-graduação Narração artística: caminhos para contar histórias em contexto urbano como requisito para a obtenção de título de especialista.

Orientadora: Profa. Ms. Leticia Liesenfeld Erdtmann

Coorientador: Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

SÃO PAULO

2021

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a todas as pessoas que já encontrei pelo meu caminho e que, de certa maneira, me ofereceram sua escuta.

## **RESUMO**

Este trabalho procura demonstrar a possibilidade do contador de histórias de construir uma 'ponte' entre o convite inicialmente feito ao ouvinte à escuta, até a realização daquilo que é possível entender como encontro entre as partes e de como a criação de dispositivos para promover esse encontro, tanto presencialmente quanto virtualmente, pode contribuir para o fazer dos contadores de histórias, observando, também, o cuidado que é preciso ter até perceber que o convite tenha sido aceito, que passa pelo entendimento de que é necessário tanto pedir licença quanto respeitar o espaço do outro.

Palavras-chave: contador de histórias. convite. encontro.

## **ABSTRACT**

This work seeks to demonstrate the possibility of the storyteller to build a 'bridge' between the invitation initially made to the listener to the realization of what is possible to understand as an encounter between the parties and how the creation of devices to promote this meeting, both in person and virtually, can contribute to the making of storytellers, observing, also, the attention that must be taken until you realize that the invitation has been accepted, which goes through the understanding that it is necessary to ask for permission and to respect the space of the other.

Keywords: storyteller. invitation. encounter.

## **Sumário**

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO   | 6  |
| ‘EU NÃO SEI SE VI, SE OUVI, OU SE LÁ EU MOREI.’ - A procura pelo encontro revisitando minhas influências | 7  |
| ‘ENTROU POR UMA PORTA E SAIU POR OUTRA.’ – Buscando convites em meu caminhar                             | 13 |
| ‘SE ESSA RUA FOSSE MINHA...’ – Pedir licença para construir a ‘ponte’                                    | 18 |
| ‘QUEM CONTA UM CONTO, AUMENTA UM PONTO.’ – Perceber, permitir e criar convites                           | 19 |
| NOVOS DESAFIOS: CONVITES VIRTUAIS – janela aberta pelo tédio dos novos tempos                            | 24 |
| CONCLUSÃO  | 33 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS   | 37 |

*Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.  
 - Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan.  
 - A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco – mas pela curva do arco que elas formam.  
 Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:  
 - Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.  
 Polo responde:  
 - Sem pedras o arco não existe.  
 (Ítalo Calvino)<sup>1</sup>*

## INTRODUÇÃO

Narrativas sempre estiveram presentes em minha trajetória, nas histórias contadas pela família e naquelas que eu esbarro pelos caminhos. Contar histórias veio como um processo natural, já que aquilo que me alegra é ter alguém que me ofereça sua escuta. Nesses encontros não sei quando sou narrador e quando sou ouvinte, só sei que os dois se misturam e se completam.

Em uma dessas ‘misturas’ me deparo com *A Casa Tombada*, lugar que nos propõe estudos, reflexões e muitos encontros. *A Casa* nos acolhe e nos mostra novas possibilidades e nos ajuda a acordar desejos. Em um dos textos enviados pelos professores para estudo encontrei: “*A maioria das pessoas vive numa tensão entre aceitação e rebelião.*” (SCHECHNER. 2003, p.25).<sup>2</sup> Quando percebi, por provocações feitas pelos professores da *Casa*, que somos capazes de abrir espaço para que possamos descobrir se nos aceitamos ou se nos rebelamos e, também, nos ajudar a perceber que é preciso ter coragem para ‘tensionar’ nossas dúvidas e certezas, iniciei um processo de entendimento do meu fazer enquanto narradora.

Como contadora de histórias há mais de 20 anos, sempre encontrava pessoas que vinham até mim e comentavam: ‘Que dom que você tem! Queria contar histórias como você.’ Acreditar que contar histórias só é possível às pessoas que têm o dom para a palavra é simplificar o percurso, porque o fazer diário do contador implica em caminhos construídos para a narrativa, que passa por estudo, reconhecimento pessoal e descoberta do seu fazer enquanto contador. Esse comentário repetitivo foi o que me provocou para questionar qual é o meu papel como narradora diante dos grupos que me posiciono para contar uma história e o porquê do meu convite ser aceito pelo outro. Será

<sup>1</sup> CALVINO, I. *As Cidades Invisíveis*, 2003. p.79

<sup>2</sup> SCHECHNER, R. **O que é performance?** in *O Percevejo*. Ano 11, 2003, n°12. p.25

que é possível ao narrador criar dispositivos para convidar o outro a lhe oferecer a escuta e abrir espaços para inverter os papéis? Esses dispositivos criados podem contribuir para o fazer de outros contadores?

Para tentar responder, vou verificar a existência desses dispositivos dentro da minha narrativa para convidar o outro a escuta e como essa conexão se estabelece, e procurar qual o caminho ou a ponte<sup>3</sup> que poderia surgir para que o contador de história tenha um papel de mediador entre as vozes: a própria voz com o outro e a daqueles que lhe oferecem a escuta.

### **‘EU NÃO SEI SE VI, SE OUVI, OU SE LÁ EU MOREI.’ - A procura pelo encontro revisitando minhas influências**

Quando me deparo com o outro e encontro uma sugestão, tanto interna quanto externa de troca e percebo, na maioria das vezes, iniciar quase sempre por um processo de escuta minha e que, de certa maneira, contribui para acomodar a fala do outro com o acolhimento que essa escuta necessita e que se faz tão necessária, é que posso considerar como uma abertura para um encontro. Relembrando que estamos todos buscando, constantemente, um lugar de acomodação de percurso, onde podemos respirar, acomodar nossas dúvidas e partilhar conquistas e fracassos.

Como contadora de histórias sempre me pergunto como é possível ter a certeza de que o encontro realmente aconteceu para as partes envolvidas e, em que momento, meu convite foi aceito.

BARTHES (1981, pág.85) em seu livro *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, quando fala do Encontro cita Chateaubriand para nos dizer que:

No encontro, fico maravilhado de ter achado alguém que, por sucessivos e sempre bem sucedidos toques, sem fraquejar, acaba o quadro da minha fantasia; sou como um jogador cuja sorte se confirma fazendo com que ele pegue na primeira tentativa o pedacinho que vem completar o quebra-cabeça do seu desejo. É uma descoberta progressiva (e como uma verificação) das afinidades, cumplicidades e intimidades que vou poder manter eternamente (penso nisso) com um outro, prestes a se tornar, desde então, “meu outro” **(grifo do autor)**:

---

<sup>3</sup> Prefiro PONTE porque cria a possibilidade de ir e vir tanto para quem narra como para quem oferece a escuta.

estou todo voltado para essa minha descoberta (tremo só em pensar), ao ponto de transformar em amor toda a curiosidade intensa sobre um ser encontrado.<sup>4</sup>

Essa forma de amor colocado pelo autor, que nos leva a perceber o outro como complemento de nós mesmos, pode ser a nosso primeiro entendimento para que o encontro com o outro realmente aconteça.

Passeando pela minha própria trajetória e para explicar como me reconheço como contadora de histórias, posso adiantar que só me permito atravessar e ser atravessada pelo conto escolhido quando sinto as minhas bases apoiadas e, se me proponho a falar delas trazendo o que a memória revisita sempre e, muitas vezes, até mesmo para minha surpresa lá estão eles, me relembrando ou me prevenindo de algo. Quando digo 'eles' me refiro à minha sustentação enquanto indivíduo. O respeito pelo outro, o não julgamento, a necessidade de reflexão anterior a tomada de decisão, o questionamento permanente, são elementos que sustentam e apoiam meu caminhar e, enquanto contadora de histórias, continuam vinculados a minha pessoa. Escolher uma história não é um ato aleatório e, sim, uma decisão a ser tomada diante da percepção de como essa se acomoda em mim e de como eu espero que repercutirá no outro e, também, do cruzamento que a minha história faz com as minhas escolhas.

Nascida em família brasileira recheada de parentescos: por parte de mãe, bisavós que vieram da Europa e, por parte de pai, bisavós italianos. Qualquer história individual vem carregada de reflexos de seus familiares, criação e meio em que estamos inseridos. De minhas experiências pessoais, destaco aqueles que contribuíram para me levar ao entendimento do meu fazer enquanto contadora de histórias.

Com a bisavó húngaresa, aprendi a importância de narrar os lugares em detalhes, o gosto das comidas que eu não conhecia, mas experimentava de tão recheadas de sabor que eram suas narrativas de saudades, com seu sotaque forte e seus gestos sutis, seu caminhar lento, apoiado em meu braço de adolescente, que me vejo imitando sempre que uma senhora idosa passeia pelos meus contos escolhidos. Pedia sempre

---

<sup>4</sup> BARTHES, R., **Fragmentos de um discurso amoroso**, Rio de Janeiro, F. Alves, 2ª ed. 1981. p. 85

para a bisavó Elisabeth que cantasse ou me contasse algo em sua língua, e foi com ela que aprendi que uma história pode ser contada sem palavras.

Também aprendi muito com o avô Geraldo, filho de índia e português, o grande mistério da família. Quando conto histórias por onde passeiam fantasmas, almas penadas e afins, percebo meu avô no meu olhar, nos suspenses das pausas, no desfecho arrastado da história até o final que precisa ser surpreendente. Digo precisa, porque se não for ele não me deixa contá-la e assopra no meu ouvido que se o medo não durar um tempo, então não é medo.

Cada narrativa que me proponho, vem de mãos dadas com eles. ABREU (2019, p.4) me auxilia nesse entendimento das minhas muitas vozes, quando nos coloca que:

(...) talvez pudéssemos definir precariamente o narrador como um tipo especial de ator que não vive um papel, mas traz ao presente, por meio de sua arte, as experiências de outros seres humanos. Ao narrador não cabe recriar fisicamente, no espaço da narração, o acontecimento humano que deu origem à sua narrativa. **Seu objetivo é recriar na imaginação de quem ouve** (grifo do autor) o território da ação e os seres humanos, agentes ou pacientes, do significativo acontecimento humano que deu origem à sua narrativa. É um processo complexo de, por meio da narrativa, conduzir os ouvintes em uma participação ativa e imaginativa: o 'espetáculo' é construído com o próprio ouvinte.<sup>5</sup>

Enquanto meus avós me ofereciam suas narrativas, esse *espetáculo* que promovíamos juntos é o que carrego comigo com a intenção de presentear possíveis ouvintes, como uma entrega, e que me faz procurar esse ponto de encontro com o outro.

Importante destacar que para abrir espaço para a escuta do outro, muitas vezes é preciso um convite, um acordo entre as partes, uma diminuição de passos, um silêncio convidativo, como antigamente, no portão da nossa casa quando a mãe perguntava a vizinha se estava tudo bem e, nas poucas vezes que essa respondia '*mais ou menos*', minha mãe a convidava para entrar um pouco dizendo que tinha feito bolo e que iria passar um café. Esse pouco tempo é tudo que o outro precisa. Isso não quer dizer que quem oferece a escuta é responsável pelo outro, mas pode ser aquele que ajuda nos

---

<sup>5</sup> ABREU, Luís Alberto, **O narrador contemporâneo**, Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/362961194/O-Narrador-Contemporaneo-Luis-Alberto-de-Abreu> >. Acesso em: 28 maio.2019. p.4.

primeiros passos para o acolhimento necessário. Queirós (s.d.) em seu texto *Ouvir histórias, ler o mundo*, já nos dizia que:

E se demais a solidão, eu pedia à minha avó uma história. Ela me assentava sobre os seus joelhos – Sant’ Ana sem livro – olhava o fundo da paisagem e arrancava um conto. Às vezes, eu não escutava. Sua presença era a minha leitura. Seu corpo perto do meu, sua voz quente no meu ouvido, sua mão alisando o meu cabelo era tudo o que me curava. A história era um pretexto. Sei que nessa hora de “porquês” eu me fazia sua leitura e nosso amor era nossa história.<sup>6</sup>

Esse convite parte tanto do oferecimento da escuta como da solicitação do outro por um momento de escuta. É importante observar que nos encontros com o outro se sou convidada é preciso pedir licença logo na primeira vez, para encontrar os caminhos até onde posso chegar, por exemplo: se visito sua casa e gostaria de usar o banheiro, preciso que você me indique o caminho e me dê a permissão para usá-lo, não posso simplesmente levantar e sair abrindo todas as portas da sua casa até encontrar o banheiro. É necessário, também, perceber no outro até onde eu posso ir em um primeiro encontro, porque há aqueles que me convidam para a mesa da cozinha e aqueles que nos sentamos na varanda e, esse acolhimento, quando me coloco no papel de oferecimento da escuta, precisa ser respeitado. Caso não passe da varanda, um bom exercício é inverter os papéis: oferecer a você a escuta daquilo que eu possa narrar.

Quando utilizo a narrativa para transformá-la em um segundo momento em espaço para a escuta, a percepção de como o que vou narrar já se acomodou primeiramente na minha própria escuta, faz com que eu tenha clareza de como a palavra dita reverbera ao outro, para que possa chegar sem imposição e sim como partilha.

Lessa (2012, p.130) em sua tese *O narrador está em quem ouve*, investigou em determinado momento:

(...) que um acontecimento gerado pela narrativa não está centrado necessariamente em quem conta, nem em quem ouve e nem na história que é contada, mas está em trânsito entre estas. Ou seja, o acontecimento se dá na relação entre narrador, ouvinte e na história que vai simultaneamente se fazendo

---

<sup>6</sup> Queirós, B. C. *Ouvir histórias, ler o mundo*, acervo pessoal. s.d.

entre estes. É um trânsito que não se fixa em nenhum protagonista, não porque não exista protagonista, mas, sobretudo porque todos são protagonistas.<sup>7</sup>

Sendo possível esse entendimento de que todos somos protagonistas é essencial perceber o que provoço no outro e como sou provocada pelo outro. Assistindo na FLIP 2019 um Café Literário promovido pelo SESC fiquei com uma frase de CARPEGGIANI (informação verbal) que me acompanha desde então: *“Quando você junta duas pessoas, tem sempre uma sombra entre, que vai trocando de cor”*. Depois disso, quando me posiciono como contadora de histórias frente a um público, indiferente ao número de pessoas, durante o discorrer da narrativa fico imaginando que cor estou proporcionando aos ouvintes? Será a mesma para todos? Como se desloca essa sombra? Esses questionamentos iniciam-se antes mesmo do encontro com os ouvintes, que passam por mim tanto internamente quanto externamente.

Conseguir imaginar algo que a princípio me dá a ideia de concreto – sombra e cor – onde sombra é a projeção inicial que produzo ao outro e, à medida que minha palavra reverbera, seria como a luz que passa e abre caminho para outros reflexos, que podem produzir tons e cores que se inicia daquela projetada por mim e muda de lugar conforme a posição que o outro a recebe. Pensar que, com a história narrada, o mesmo processo acontece: além do meu próprio entendimento, existe o entendimento do outro e a maneira que a história chega até ele.

Outra definição que cabe no contar, dentro da minha busca pela concretude da cor que produzo ao outro, é a que nos apresenta a biblioteca Wikipédia: “A cor não é um fenômeno físico. Um mesmo comprimento de onda pode ser percebido diferentemente por diferentes pessoas (ou outros seres vivos animais), ou seja, cor é fenômeno fisiológico, de caráter subjetivo e individual.”<sup>8</sup> Fisiológico me leva ao entendimento de produzir alguma sensação no outro pela percepção daquilo que estou compartilhando com ele durante a minha narrativa. É como conseguir encontrar palavras para descrever

---

<sup>7</sup>LESSA, S. U. **O Narrador está em quem ouve: O estudo de histórias de vida no trabalho de ator-performer**. Dissertação-Mestrado Artes – Unicamp. Campinas, SP. 2012. p.130

<sup>8</sup> Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria\\_das\\_cores](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_das_cores) Acesso em 11 nov. 2020

a subjetividade daquilo que pode chegar ao outro: Que cor essa história tem para você? – caminho para começar a conversar sobre percepções pessoais. Poder conhecer as cores que chegou ao outro me auxilia no encontro, o que só é possível se dedicar parte desse encontro para a escuta além da narrativa.

Nessa busca do encontro, sou capaz de perceber algumas posturas corporais minhas que, ao longo do tempo como narradora, identifico como uma primeira abordagem com tomada de consciência para envolver o outro: uma leve inclinação de ombros e cabeça em direção aquele que ainda se aproxima, o que demonstra a minha intenção de escuta; a diminuição de movimentos do meu próprio corpo que acomoda a respiração e procura diminuir o ritmo dos batimentos cardíacos, o que nos proporciona fazer com que o outro respire conosco e perceba que não estamos com presa. O olhar é sempre uma primeira porta que se abre e, muitas vezes, é o ponto de partida para o acolhimento. Podemos usar como o exemplo o comportamento das crianças pequenas que correm ao encontro de outra criança até então para ela um desconhecido, para a sua frente e, depois de ambos se olharem, correm e começam a brincar juntos. Às vezes há estranhamentos, o que eles sempre respeitam, sem que isso impeça qualquer um deles de dividir o mesmo espaço, como por exemplo, o parque na praça.

Poderia identificar essas minhas percepções corporais como performance inicial de acolhimento, mas é preciso lembrar para que ela ocorra de fato, além da minha ação, dependendo da interação do outro e da relação que vamos estabelecer, caminho pontuado pelo texto já mencionado, *O que é performance?* (SCHECHNER. 2003, p.28) que nos coloca, ainda, que: *A performance não está em nada, mas entre.*

Quando o outro me presenteia com sua fala, vou recolhendo as pistas que depois de algum tempo já reconheço, pois para meu entendimento, a necessidade de verbalizar vem sempre acompanhada da ausência da presença real. Explico: a mãe pode passar o dia todo com seu filho, mas isso não garante a escuta daquilo que para ele é importante.

Quando contamos histórias para crianças, temos que criar espaço para o acolhimento, para permitir que indagações possam surgir, quando a intenção da troca não é somente o espetáculo da narrativa e sim o entendimento daquilo que é entregue como presente a eles com a história narrada. Nessa trajetória, em relação ao público que

me empresta sua escuta, tenho por hábito reservar um tempo disponível para, depois da apresentação, ouvir aqueles que possam querer conversar sobre a história narrada, o que, de certa maneira, me auxilia à percepção de que o encontro realmente aconteceu. Mas, como fica o espetáculo? – Essa pergunta pode sempre aparecer, importante se faz refletir qual é o lugar que você se coloca como contador de histórias. Novamente, recorro ao texto de Abreu (2019, p.17 e 18) que nos diz:

(...) Um narrador para a contemporaneidade não se confunde com um mero ledor de histórias para uma plateia, nem mesmo com uma espécie de locutor ou orador, menos ainda com um ator que tenta por meio de gestos, modulações de voz e objetos dar vida a uma narrativa. A vida de uma narrativa não está, fundamentalmente, num ator que se esforça em busca desse objetivo, mas na imaginação poderosa da comunidade de ouvintes.

Podemos usar a sala de aula para fazer, também, uma reflexão sobre essa abordagem: Como professora conto uma história aos meus alunos e quanto do tempo que separei para a atividade é dedicado a escuta deles? Como não fazer desse encontro simplesmente mais uma ferramenta pedagógica, dividida em: conto, vocês escutam; vocês falam e eu escuto e pronto. Pergunto: o que está pronto? Aqui é importante refletir que cada vez que há um oferecimento da escuta, esse não deveria ser preparado com antecedência, pois é possível que o professor já conheça todos os seus alunos, mas dificilmente vai predizer como o outro se sentiu.

Pude perceber, como narradora, que a escuta que eu ofereço só é aceita quando o outro não se sente parte de um processo, quando é permitido ao outro o tempo necessário para aceitar o convite e ‘comer a fatia do bolo’ por mim oferecido.

### **‘ENTROU POR UMA PORTA E SAIU POR OUTRA.’ – Buscando convites em meu caminhar**

Quando penso em dispositivos de escuta, além do próprio corpo de quem oferece a escuta e do espaço físico, que é preciso perceber e considerar, tenho o hábito de sempre tentar responder à pergunta: Quem é o outro nesse encontro?

Connerton (1999, p.24) em seu livro *Como as Sociedades Recordam* quando discorre sobre Memória Social, nos ensina que:

Podemos dizer assim, de forma mais geral, que todos nos conhecemos uns aos outros pedindo explicações, fazendo relatos, acreditando, ou não, nas histórias sobre os passados e identidades uns dos outros. Ao identificarmos e compreendermos com êxito o que outra pessoa está a fazer, enquadramos um acontecimento particular, um episódio, ou comportamento, no contexto de várias histórias narrativas. Identificamos, deste modo, uma determinada ação recordando, pelo menos, dois tipos de contexto para essa ação. Situamos o comportamento dos agentes por referência ao seu lugar nas suas histórias de vida e situamos também esse comportamento pela referência ao seu lugar na história dos contextos sociais a que pertencem. A narrativa de uma vida faz parte de um conjunto de narrativas que se interligam, está incrustada na história dos grupos a partir dos quais os indivíduos adquirem a sua identidade.<sup>9</sup>

Perceber a identidade do outro e seu lugar diante dessa é um disparador para começar um trajeto em pensar possibilidades de convites para a narrativa, lembrando que se vamos nos dispor da palavra para chegar ao outro, é preciso lembrar que “*a palavra é ruído*”<sup>10</sup>, como aprendi com a professora Ângela. Quando penso nesse ruído que a palavra produz através de narrativas que, inicialmente, não são minhas, me desloco até a colocação feita por BARTHES (2004, p.93): “A palavra falada é irreversível, tal a sua fatalidade. Não se pode retomar o que foi dito, *a não ser que se aumente* (grifo do autor): corrigir é, nesse caso, estranhamente, acrescentar”<sup>11</sup>. Quando me proponho a acrescentar, necessário se faz reconhecer a identidade do grupo composta pelos ouvintes.

Refletindo em caminhos construídos e procedimentos já aprendidos ao longo da minha trajetória, destaco o início dos meus trabalhos como contadora de histórias, em 1996, quando os contadores de histórias tinham uma *mala do contador*, onde alguns objetos que faziam referência a história que ia ser narrada ficavam guardados e que funcionava como uma maneira de identificar os contadores e já era entendido, pelo público, como um convite para ouvir histórias.

---

<sup>9</sup> CONNERTON, P. **Como as Sociedades Recordam**. Oeiras, Celta Editora. 2ed. 1999, p.24.

<sup>10</sup> BRANCO, Ângela C., informação verbal em aula da disciplina **O corpo como território artístico e as narrativas de vida em busca da voz própria**, do curso de Pós-graduação Narrativas Artísticas em Contexto Urbano no dia 5 out.2019.

<sup>11</sup> BARTHES, R., **O Rumor da Língua**, 2004. p. 93.

Assim, a presença da mala já era o convite inicial e, ao abri-la e tirar algum objeto dela, vinha com ele também a história. O público se envolvia por aquilo e parecia participar com o contador de histórias daquele percurso. Depois, percebeu-se que a mala não era garantia de escuta ao que poderíamos considerar como mais importante, que era a história que tirávamos dela. Tinha ainda com as crianças um problema, pois, após a contação de histórias elas queriam ver e tocar a mala e seus objetos, o que levava à conclusão de que era a história da mala que, muitas vezes, fascinava o público infantil.

A percepção de que a aproximação entre narrador e ouvinte só é possível quando aquilo que se quer comunicar é percebido e aceito pelo outro, é também um dos passos para se construir uma aproximação. A mala do contador de histórias pode ser usada, mas precisará estar disponível para o público, agora, se o contador trata todos os seus objetos como intocáveis, não deveria oferecê-los como convite porque, em um próximo encontro com esse mesmo público vai gerar desconforto, independentemente da idade.

É possível perceber o mesmo quando oferecemos a escuta e permitimos ao outro que faça uso dela como desejar, uma vez que a devolutiva também pode ser entrecortada pelo silêncio daquele que narra e, esse silêncio, também precisa da minha escuta. Portanto, penso que quem define o momento da conclusão da narrativa é sempre aquele que narra.

Aqui gostaria de refletir sobre o texto de Walter Benjamin (1987, p. 204 e 205) escrito em 1936 e destacar a passagem que nos previa como a ‘comunidade de ouvintes’ poderia vir a desaparecer:

[...] Se o sono é o ponto mais alto da distensão física, o tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica. O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta. Seus ninhos – as atividades intimamente associadas ao tédio – já se extinguiram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade de ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> BENJAMIN, W. **O Narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov** in *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo. Editora Brasiliense, 3ed. 1987, p. 204 e 205.

Esse desaparecimento causa um certo desassossego diante da crença generalizada de que, se somos detentores das mais diversas informações e nos julgamos capazes de opinar sobre tudo, mesmo sem conhecimento, mesmo quando uma informação se sobrepõe a outra e mais outra e nosso dia termina sem sermos capazes de refletir, mas com nossas mentes felizes, já que consideramos nosso tempo muito valioso e fazemos uso dele ininterruptamente. Assim, continuamos nossa existência sem nos permitir o que o autor coloca como ‘tédio’, o grande despertador da experiência.

Quando consegui pensar em tédio como um estado de enfado, naquele momento que minha percepção me leva ao entendimento da minha falta de entusiasmo perante os acontecimentos, é que passo a permitir que o tédio seja o despertador para o empolgamento.

Refletindo sobre a contação de histórias, o tédio pode ser tanto do narrador quanto do ouvinte, o que vale destacar é quando vamos nos permitir vivenciar esse tédio e entendê-lo como um disparador para encontrarmos um novo interesse, que pode até nos levar a um novo prazer, capaz de nos remeter tanto ao aprendizado de narrar quanto ao de ouvir.

Benjamin usa como exemplo na explanação dessa parte do texto, referindo-se a perda da ‘comunidade ouvinte’, a extinção do trabalho artesanal: “...*Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história.*” Trazendo para a atualidade, poderíamos usar como exemplos:

Ela se perde porque ninguém mais tem tempo para perceber o tédio e despertar para a experiência que está sendo convidado a experimentar; (ou) Ela se perde porque ninguém mais tem tempo tanto para narrar quanto para ouvir, com a atenção que é necessária a ambos; (ou) Ela se perde porque ninguém mais se permite ter tempo para vivenciar algo novo.

É fundamental, portanto, ter claro quanto do seu tempo será dedicado ao outro e quanto do tempo do outro você vai precisar para concluir sua narrativa e, se o convite feito, será capaz de levar o outro a perceber o tédio que, até então, não era reconhecido por ele e o levar ao interesse de despertar para a experiência que está sendo convidado.

Caso o outro desperte, começamos a perceber que o encontro poderá, de fato, acontecer.

Depois da mala, veio o meu encontro com *as palavras mágicas* e, com as crianças, levava uma bolsinha feita de filó com cordão dourado, cheia de 'pozinho mágico' (lantejoulas coloridas) que eu jogava sobre elas enquanto brincávamos com as palavras mágicas. Usava alguns poeminhas, parlendas, travas-línguas para avisar o público que estava chegando. Em seguida, a minha narrativa começava.

O público aceitando o convite, permanecia nele, atento. Algumas vezes me perseguia a pergunta de que será que foi a história contada que realmente garantiu a permanência do público ou o 'combinado' anterior? Foi preciso investigar após a contação, como a história chegou ao outro. Perceber que o convite feito inicialmente pela brincadeira das *palavras mágicas* trazia o comprometimento à escuta, permitiu-me ampliar a minha narrativa ao público presente pois, esse acordo selado, foi um pedido de licença que foi feito para solicitar a escuta.

Esse meu entendimento possibilitou um início para a construção de procedimentos para a partilha das histórias, que continuarei chamando de *convite* por acreditar que permite ao outro aceitar ou não, estar disposto a participar ou não, o que amplia a percepção ao contador do seu real papel no grupo que está inserido, mesmo que sua permanência física seja relativamente breve e, embora o encontro do narrador pode ter acontecido somente uma vez com determinado público, a história contada permanece quando o convite, de fato, é aceito. Portanto, a história irá acompanhar os ouvintes pelo tempo que os envolvidos por ela desejarem a sua presença e será resgatada sempre que for lembrada.

Ter consciência que a história oferecida é o maior vínculo que o contador de histórias pode estabelecer com aquele que oferece a escuta, nos faz perceber que todo encontro é importante.

## ‘SE ESSA RUA FOSSE MINHA...’ – Pedir licença para construir a ‘ponte’

Pensando que existe um papel tanto social quanto político para o contador de histórias, o passo seguinte é perceber quando o convite não é aceito, o porquê dessa recusa: por que eu sou diferente do outro ou me coloco como diferente?

Quando eu for recebida como diferente do outro é preciso lembrar, novamente, que a casa que visito não é a minha. Talvez a minha escuta inicial não tenha sido suficiente para perceber se realmente fui convidada ou se eu é que já fui entrando. Quando me coloco como diferente do outro consigo perceber essa minha postura? Caso não consiga, é porque a escuta de mim mesma está comprometida.

Para responder a essas questões tenho claro que é necessário construir uma ponte para chegar até o outro e para dar passagem ao outro. Há um texto publicado por Nelson Oliveira (2004) que fala, justamente, sobre o medo de despencar no abismo que existe entre as ‘pontas’ de pontes que ele mesmo construiu:

Não sou de muitas palavras, não tolero invasão de privacidade. Sou tímido, reservado, caseiro. Mesmo assim procuro manter as minhas pontes sempre limpas e bem conservadas. O trânsito está sempre livre, jamais fiz uso de cancela e barricada. Só tento explodir uma ponte quando percebo do outro lado uma movimentação pouco amistosa: uma palavra nada cordial, uma ofensa explícita, um gesto desleal. Nessa hora me escondo no meu minúsculo território e aperto o detonador. A nuvem de poeira me cega. Adeus, ponte. E o medo reaparece. O pavor. Morro de medo de despencar da ponte.<sup>13</sup>

Sempre me surpreende esse texto, que traz algumas reflexões por minha parte: apesar das pontes sempre limpas, conservadas, abertas, a reação que provoca a necessidade de explodir uma delas vem sempre acompanhada de algo que incomoda o espaço que pertence a ele, que é descrito como “*meu minúsculo território*”. Esse território por ele indicado é, para mim, aquele no qual nos reconhecemos e que não pode ser invadido. Entendido isso é possível perceber a importância de, sempre, pedirmos licença.

A palavra ponte também foi e ainda é muito usada em textos que abordam a questão da resiliência e descrita como elo entre as partes, união entre as partes, esforços

---

<sup>13</sup> OLIVEIRA, N. **Abismo** - Caderno *Mais!* Folha de São Paulo, 2004.

para promover a aproximação e uma pergunta é recorrente nesse tipo de texto: *Você é um construtor de muros ou pontes?* (Mauch, 2017).

Como contadora de histórias penso que ‘ser a ponte’ não é uma definição que eu usaria, uma vez que a história faz, para mim, o papel de ponte. Tanto quem narra quanto quem oferece a escuta estão, a princípio, em pontos opostos e entre eles existe, às vezes, um vão ou um obstáculo, que pode ser desde um pequeno riacho, resolvida a travessia por uma simples pinguela e também, um abismo, que precisará de muito mais tempo para que a ponte de fato seja construída, lembrando que o tempo necessário para essa construção demanda cuidado e atenção e será preciso caber em nosso fazer enquanto contador de histórias e, claro, existe a possibilidade de despencarmos, vez por outra, no abismo.

Recorro novamente ao texto já comentado de Benjamin (1987, p. 206), quando cita Valéry: *“O homem de hoje não cultua o que não pode ser abreviado”*. Cito as considerações feitas por ele:

Com efeito, o homem conseguiu até abreviar a narrativa. Assistimos em nossos dias ao nascimento da *short story* (grifo do autor), que se emancipou da tradição oral e não mais permite essa lenta superposição de camadas finas e translúcidas, que representa a melhor imagem do processo pelo qual a narrativa perfeita vem à luz do dia, como coroamento das várias camadas constituídas pelas narrações sucessivas.

Quando consigo criar espaço para que as várias camadas se sobreponham, posso considerá-las como os pilares para a ponte que pretendo atravessar e, passo a reconhecê-la como sólida, quando narrador e ouvinte puderem se encontrar no meio dela e até trocar de território, caso desejarem. Somente nesse momento penso que o papel do narrador pode ser de mediador entre a própria voz e a daqueles que lhe oferecem a escuta.

### **‘QUEM CONTA UM CONTO, AUMENTA UM PONTO.’ – Perceber, permitir e criar convites**

Percebi que tanto o oferecimento da escuta quanto da narrativa precisa de um convite inicial, uma primeira pedra como nos explica Marco Polo (2003, p.79) na citação

inicial desta minha narrativa e, se me coloco no papel de promotor esse convite precisa ser oferecido por mim. Além da 'mala do contador e das palavras mágicas', posso também me valer de objetos e do meu próprio corpo para convidar o outro, porque uma foto, um objeto, uma peça de roupa que você está usando pode se soltar da sua parte que o separa do outro e começar a construir o arco que vai sustentar a ponte que o narrador precisa.

Por exemplos: tenho um lenço em meu pescoço que transformo em um turbante quando chego e, esse meu movimentar em silêncio, já faz o outro me observar e esperar pelo o que virá em seguida; a foto que trouxe e que olho em silêncio e que não necessariamente preciso mostrar ao outro; duas cadeiras que coloco próximas e, sentada em uma delas convido o outro a se sentar e me contar algo, entendido por aquele que passa e olha porque posso ter colocado, ou não, uma sinalização do que estou fazendo ali, como nos ensinou Ana Teixeira em seu projeto 'Escuto Histórias de Amor'<sup>14</sup>. Quando alguém se aproxima e compartilha comigo seu interesse é que o convite realmente se materializou, lembrando mais uma vez, que é preciso de tempo para que o outro se sinta convidado e queira participar daquela nova experiência que eu proponho.

Embora a preparação seja anterior ao encontro é preciso perceber o que o ambiente, o espaço físico onde irei me posicionar e as pessoas me oferecem. Posso ter planejado trazer um objeto para despertar o interesse das pessoas que estarão à minha volta, por exemplo, um grupo de terceira idade: quero promover um encontro para proporcionar uma escuta de lembranças que os remetessem à infância. Para iniciar o convite, vou apresentar uma foto em preto e branco da minha avó, quando ela ainda era um bebê. Escutarei as narrativas e oferecerei uma história contextualizada. Esse ponto inicial já foi por mim programado. Quando chego ao espaço físico onde irá acontecer o encontro, uma senhora se antecipa e vem até mim pedindo desculpas por ter trazido o neto, ainda um bebê, já que a filha não tinha com quem deixá-lo e ela queria muito participar. Tenho que perceber que a presença desse neto já é um convite para aquilo

---

<sup>14</sup> TEIXEIRA, A. Escuto histórias de amor <https://noticias.band.uol.com.br/cidades/noticias/100000500317> Acesso em 18 set.2020.

que eu queria despertar inicialmente, portanto, a conversa inicial pode partir daquela criança que se faz presente.

Como contadora de histórias procuro perceber o que o público presente me oferece e, aprender a desapegar daquilo já programado é um processo que demanda tempo, inicialmente feito como exercício. Nesse momento da minha trajetória, sinto segurança para sugerir outros passos para essa busca, considerando, também, os iniciais já tantas vezes recomendados aos contadores de histórias, que são saber com antecedência, se possível, o público que vai encontrar e chegar ao local com algum tempo anterior ao horário combinado para a narração. Acrescentaria:

- 1) Pedir licença;
- 2) Ter mais de uma atividade inicial como convite;
- 3) Ter tempo para perceber as acomodações iniciais;
- 4) Reagir positivamente as ideias que possam surgir e estar disposto a elas;
- 5) Aceitar que aquilo que foi trazido pelo outro acomoda melhor tanto a proposta de escuta quanto de narrativa já preestabelecido e experimentar.

Claro que essa experimentação tem que ser acomodada dentro daquilo que percebo enquanto convite. Quando o novo que veio por essa via dá certo, merece uma análise e um estudo por minha parte, para verificar se posso melhorar essa ideia de convite e concluir se essa caberá para outros públicos.

Importante, também, perceber se é possível verbalizar o que eu percebi como troca inicial. Essa questão é a que mais se reflete em minha busca por esse convite inicial, porque a troca entre as partes pode acontecer de forma natural, como quando estou em uma fila qualquer e alguém se aproxima e, como tenho o hábito de sempre cumprimentar as pessoas, basta um sorriso para que alguém se sinta confortável em iniciar uma conversa. Então, o sorriso foi o convite inicial. Posso transformar esse momento em um convite? Quando penso em atividades com pequenos grupos acredito que sim, pois haverá alguém entre os participantes que perceberá o convite e retribuirá e, esse momento, eu posso considerar como a acolhida inicial.

Gostaria neste ponto, de retomar a citação feita do texto *O que é performance?* - quando a autor nos pontua que “*uma performance ocorre apenas em ação, interação e*

*relação*” (SCHECHNER. 2003, p.28.). Poderia pensar nos convites feitos como ação e na aceitação desses como interação e no vínculo que será criado, a partir desses dois pontos, como relação entre as partes. Farei uso de uma narrativa de uma vivência prática para deixar mais claro o que quero afirmar com essa minha colocação.

No meu encontro com as propostas da *Casa Tombada* tivemos como exercício uma performance. Escolhi fazer em espaço aberto, no parque Água Branca, próximo a Casa. A minha proposta partiu de um objeto que eu tinha desde a infância, acho que não tinha mais de cinco anos quando o ganhei, guardado comigo por ser o primeiro presente dado por uma pessoa que não pertencia ao meu círculo familiar, uma vizinha. É um lenço branco de organza, pequeno, pintado à mão que tem uma renda delicada como acabamento. É uma pintura de duas flores azuis, como margaridas, com olhos, nariz e bocas que dançam com seus braços e seu pés de caules, com saias feitas de folhas verdes. Notas musicais nos trazem a ideia da música que as flores dançam. Perguntei a vizinha por que o desenho dessas flores para mim já que para minha irmã Sandra, que também ganhou seu lenço havia uma casinha pintada, e que me disse que o dela é *‘que era de verdade e o meu não, porque flores assim não existem’*, ela me respondeu porque *‘eu acreditava que elas eram possíveis’*. Essa era a história que eu contaria durante o exercício da performance.

Minha ideia de convite foi colocar esse lenço em um porta-retrato e me sentar em um banco, em uma das vias do parque e por onde passavam pessoas, e esperar que alguém se interessasse por aquilo e me perguntasse o que eu estava fazendo.

Era um domingo de manhã muito frio e eu usava, além das roupas pesadas, uma echarpe no pescoço. Meu convite já estava claro na minha cabeça, apoiei o porta-retrato no banco e esperei pelos meus colegas de turma que viriam assim que terminasse a atividade anterior a minha, ao meu encontro. Algumas pessoas diminuíram o passo para ver o que eu tinha ali ou estava fazendo e sorriam. Até que eu tive a ideia de tirar minha echarpe do pescoço e fazer um turbante, deixando as pontas de lado. Enquanto fazia esse movimento, de pé, uma senhora parou para me observar e até me ajudou com suas palavras a esconder o cabelo. Tinha eu, aqui, um outro convite, criado pela minha ação e pela interação dela. Começamos a conversar e eu convidei-a para sentar-se e expliquei

que estava ali para contar uma história, mas que precisava esperar meus colegas chegarem. Enquanto isso, conversamos e eu perguntei a ela se tinha alguma história que queria me contar que ela ainda não tinha contado para ninguém. Aqui, outro convite, feito já de maneira intencional da minha parte, pois queria que ela se sentisse acolhida.

Quando meus colegas chegaram já encontraram nós duas conversando. Eu a apresentei e contei a eles o que ela havia me contado e, perguntando se tinha irmãos, contei a história de como ganhei o lenço e do que a minha irmã me disse. Para minha surpresa, quando comecei a falar do meu lencinho, ela sorriu e me mostrou o dela, que tinha sido da sua mãe e que ela carregava na bolsa para onde quer que fosse, para ter a sensação da proximidade entre elas.

Confesso que me emocionei e só nesse momento, é que posso dizer que o encontro chega ao ponto da relação citada por Schechner e me leva ao entendimento da sua fala: *A performance não está em nada, mas entre.*”: entre o que eu pré-estabeleci (primeiro convite: levar o lenço no porta-retratos), entre o que eu deixei fluir (segundo convite: transformar um objeto em outro), entre a interação que eu estabeleci com a pessoa que me ofereceu sua escuta e que aceitou meu convite e entre as nossas histórias, com nossos lenços, que se encontraram e que consolidou a nossa relação. Talvez eu nunca mais encontre Dona Neide e seu lencinho, mas a nossa relação continua a existir sempre que eu contar a história do meu lenço, pois é impossível desassociar a presença dela da minha narrativa, o que me levará a tentar encontrar em próximos ouvintes a relação por nós duas já vivenciada.

Dessa experiência e das práticas após essa atividade, pude perceber como é possível criar convites a partir de sua própria experiência e daquelas compartilhadas por outros contadores, como os que foram convidados durante nossas aulas a nos proporcionar histórias de suas trajetórias.

Assistindo a uma *live* de Regina Machado, que foi convidada para ser madrinha da nova turma de formação de contadores de histórias do curso básico da Biblioteca Hans Christian Andersen em São Paulo, ao final de suas explanações, ela deixou sete conselhos a seus afilhados e, o terceiro foi: *“Escutar regularmente outros narradores e*

*registrar perguntas daquilo que você viu.*<sup>15</sup> Partindo do entendimento desse conselho vamos tentando descobrir o nosso fazer enquanto contadores, pois compartilhar conhecimentos é diferente de repetir fazeres que não são seus. Quando me pergunto, como sugeriu Regina, o que o contar do outro me empolgou, me surpreendeu, me acariciou, o que não gostei e outras perguntas que possam surgir e olho para o meu contar para tentar encontrar também as respostas para esses questionamentos, é que estou realmente aprendendo com o outro e consigo despertar para a minha experiência.

### **NOVOS DESAFIOS: CONVITES VIRTUAIS – janela aberta pelo tédio dos novos tempos**

Nesse momento em que nos encontramos em 2020, não poderia deixar de refletir como fazer uso do convite ao outro no mundo virtual, janela que nos é possível o contar e/ou ouvir histórias.

Podemos observar que um dos movimentos feito nas redes sociais logo no início do distanciamento social obrigatório, que procurou envolver os outros, foi o surgimento de contadores de histórias.

Ainda considero o tempo curto para uma análise para respostas, mas algumas perguntas já são possíveis, quando penso em convites:

- Inicialmente, convido os amigos que já me conhecem para ouvir ou assistir uma narrativa minha?
- Enviarei um *link* e explicarei a minha intenção, descrita em uma legenda?
- Começo a contar a história e convido aqueles que se interessarem a ouvir o restante e enviarei um *link*?

---

<sup>15</sup> Machado, R. Live - Regina Machado. Abertura da Programação do Curso de Formação de Contadores de Histórias. Canal do Facebook de Curso da Hans, 2020. Disponível em <https://www.facebook.com/cursodahans/videos/787854591966433> . Acesso em 16 de set. 2020.

- Como fica o encontro, se a primeira pessoa que encontro refletida na tela sou eu mesma? Portanto, é preciso que eu também me sinta convidada para aquilo que estou propondo ao outro?
- Para convidar o outro a narrar e oferecer a minha escuta, criarei uma sala específica para isso? Trabalharei um tema apenas?
- Será possível promover a troca de papéis entre narrador e ‘escutador’ no espaço virtual?

Claro que essas perguntas já surgiram da minha experiência virtual até agora e, embora não tenha todas as respostas, é curioso passar pelo processo de que o encontro inicial se dá com você mesmo e que é preciso conseguir aceitar o seu próprio convite para ir ao encontro do outro. Já aconteceu de algumas pessoas estarem acompanhando uma narrativa minha com a câmera fechada e, inicialmente isso me incomodava, pois me levava a refletir se o convite realmente tinha chegado até ela. Depois, percebi que a escolha de estar presente aos ‘olhos’ dos outros não pode ser minha simplesmente por eu ser a detentora do convite inicial e passei a aceitar que essa pessoa me presenteou com sua escuta velada e que, portanto, pode ser que a nossa ponte já começou a ser construída.

Friques (2011, p.7) em seu artigo que discorre sobre a relação entre produção de presença e utilização de tecnologias contemporâneas de comunicação por parte de artistas e criadores, nos guia em uma análise de “*uma reflexão que aponta em atos de presença*”<sup>16</sup> como por exemplo, quando estou presente sem necessariamente estar no mesmo espaço do outro que é justamente o que acontece, atualmente, com as *lives*. Então, o convite deveria partir desse meu ato de presença já pensado por mim anteriormente? Ainda em busca da resposta. Encontro parte dela em uma palestra feita por Queirós em 1991, referindo-se à criação do vídeo-escola e apontando porque não transformar esses vídeos em um meio para se conseguir alfabetizar:

Deixem o outro livre para olhar. Mostrem (façam o melhor que puderem) os vídeos, comentem o melhor que acontece, mas não fiquem querendo dizer o que o outro tem que ver, não. Deixem o outro olhar: é só isso que ele precisa. (...) Ao

---

<sup>16</sup> FRIQUES, M. S. **Não sobre o amor: produção de presença e novas mídias na arte contemporânea**. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/1794/1457> Acesso em 07out.2020. p.7

trabalhar o vídeo na escola procurem, de fato, trabalhar o melhor que podem e saibam que a beleza altera, modifica as pessoas.”<sup>17</sup>

Seguindo o conselho de Queirós, de ser capaz de deixar o outro olhar para o seu contar e ter a consciência de que permanece a minha vontade de despertar no outro aquela mesma beleza que eu tive, primeiramente, com o que ofereço virtualmente, pode começar a nos dar pistas de como criar atos de presença.

Nesse ponto, antes mesmo de pensar o encontro com o outro, preciso fazer um novo reconhecimento em meu próprio território. Abandonei, por hora, os ensaios de corpo inteiro diante do espelho e passei a contar a história para mim diante da tela do meu notebook desligado, mas que reflete meu rosto, essa parte do meu todo. Já me fiz várias vezes a pergunta que a professora Letícia nos fez algumas vezes durante nossas aulas na Casa Tombada: “*Quem é você nesse corpo que habita hoje?*”<sup>18</sup> – corpo-cabeça, responderia em setembro de 2020. Trazer toda uma narrativa para o rosto é reaprender a se ver de perto. Claro, posso sair de frente da tela e gravar vídeos em espaços abertos, com cenários e afins, mas se meu objetivo é o encontro com o outro, procuro ficar nas salas criadas com esse propósito.

Um dos pontos que considero importante ressaltar é que nos encontros virtuais também se faz necessário o reconhecimento de quem é o outro que vamos encontrar. Participo de um projeto feito a convite de minha amiga Leila Smeja, arteterapeuta<sup>19</sup>, onde criamos um grupo e começamos a contar histórias todas as quintas-feiras a partir de maio de 2020, sempre às 20h30, que nomeamos de Histórias na Quinta. O objetivo desse grupo é convidar pessoas para ouvir uma história e depois conversar sobre, com mediação feita por Leila. A partir de setembro os encontros passaram a ser quinzenais. O grupo iniciou com dezenove pessoas e, atualmente (novembro/20), somos quinze.

---

<sup>17</sup> QUEIRÓS, B. C. **Arte e Educação** in Sobre ler, escrever e outros diálogos. São Paulo: ed. Global, 2ª ed. 2019. ps. 109 e 112

<sup>18</sup> ERDTMANN, L. L. informação verbal em aula da disciplina: **O corpo como território artístico e as narrativas de vida em busca da voz própria**, do curso de Pós-graduação Narrativas Artísticas em Contexto Urbano durante os semestres em estudo (2019 e 2020).

<sup>19</sup> Mais informações: <http://conectartepsicoterapia.com.br/>

Solicitei aos participantes uma devolutiva dessa proposta e, embora o objetivo do grupo tenha sido exposto a todos, curioso foi compreender como as pessoas chegaram e permanecem nesses encontros. Tínhamos aqui, eu e Leila, como objetivo principal contar histórias que pudessem criar caminhos para as pessoas se sentirem confiantes de, apoiadas na narrativa, trazerem assuntos, dúvidas, exemplos pessoais a discussão. A minha pergunta para o grupo é essa:

**“Por que você aceitou o convite para participar desse grupo e as histórias contribuíram, de alguma maneira, para enfrentar a pandemia?”**

Algumas respostas que chegaram:

Maria Emília, 62 anos:

*As noites de quinta durante esta pandemia foram preenchidas com pequenos contos que me aproxima de um mundo diferente do meu, me fez pensar, a bem da verdade, as conversas após o conto me fizeram refletir sobre o que ouvi, o que não me era cobrado há muito tempo. Este momento é meu e único, apesar de estar em casa, rodeada de pessoas consigo me isolar na voz da Solange que com sua sabedoria me faz entrar nos contos e imaginar sobre o que está contando. Adorei essa experiência.*

Célia, 53 anos

*"Aceitei participar do grupo porque tive a oportunidade de ouvi-la em um evento e me causou certo encantamento. Suas histórias, no período de pandemia, surtiram para mim, como um efeito terapêutico, diante de dias tão atribulados, era um momento em que eu me presenteava, desligando-me do mundo, o que me trazia profundo relaxamento. Outro aspecto positivo obtido foram as discussões que ocorreram após a contação das histórias, a troca entre os participantes, as diferentes interpretações foram enriquecedoras.*

Ettel, 68 anos

*Primeiramente, porque já conhecia a excelência e a magia do trabalho. Com os encontros semanais, durante o isolamento social, tornou-se um momento único, a possibilidade do encontro com outras pessoas, além do meu pequeno círculo familiar, de três pessoas. Me senti acolhida, fazendo parte do grupo, composto por mulheres tão especiais, com diferentes formações, inteligentes, únicas. A partir da contação de histórias, conversas foram construídas, ora mais reflexivas, ora mais leves e descontraídas, resultando em boas risadas compartilhadas. Tudo isso, nos levou a um sentimento de amizade, pertencimento e partilha, nestes tempos tão fora do comum. Sempre aguardo as*

*nossas quintas de histórias com certa expectativa, com a certeza de que, ao final, nossos corações estarão mais leves, para seguirmos a nossa jornada.*

Tanto Maria Emília como Célia e Ettel já me conheciam de atividades presenciais e aceitaram o convite já tendo uma ideia do que iam encontrar. Ettel, em seu depoimento, nos fala de como esses encontros ampliaram seu círculo familiar e de como novas possibilidades de criar laços com pessoas até então desconhecidas, se estabeleceram. Ponto que devemos considerar, quando abrimos um convite para pessoas de diferentes círculos de amizade que, inicialmente, são somente nossos.

Nesse mesmo grupo, encontramos Luíza:

Luíza, 46 anos:

*Por que aceitei o convite para ouvir história?  
Bem, sou professora primária e a princípio foi por interesse em aprender. Com a pandemia, fomos convidadas pela gestão local a gravar histórias, leituras para nossos alunos, então quis aprender como isso pode ser feito para adultos. Adoro ouvir as histórias, mas me apaixono pela técnica de quem narra. Observo cada detalhe, gestos, entonação, expressão, enfim. Meu interesse era aprender a contar e a ouvir. Muito do que observei, me ajudou a melhorar meu trabalho com as crianças e me deu muita vontade de aprender mais. Contar histórias é uma arte, arte que você domina muito bem.*

Encontrar Luíza nesse grupo que tinha um propósito específico e que levou essa experiência para seu fazer profissional, nos auxilia a perceber que o meu convite pode ser muito mais abrangente que a proposta inicial. Outro relato surpreendente veio de Cristina, convidada por Leila que a conhecia de um outro trabalho.

Cristina, 53 anos:

*Recebi na pandemia um convite de um grupo de oráculos, para participar de um grupo de Histórias na Quinta, foi ali que resgatei o que tinha deixado num passado recente e nem me importava... a cada história contada pela nossa anfitriã eu viajava em várias histórias que eu mesma tinha contado para alguns alunos quando trabalhava em biblioteca, e assim, minha memória foi se resgatando e puxando uma história atrás da outra. Hoje, voltando a trabalhar como inspetora de alunos em outra escola, comecei a usar esse resgate novamente! Então, o que na pandemia foi um escape para me manter firme, hoje sei que foi mais uma viagem ao passado e que me trouxe muita sabedoria ao momento presente, de certa forma as conversas depois de cada história ou conto nos deixavam reflexivas sobre nós mesmas! Como uma terapia em grupo! Sim, realmente é essa a palavra, uma ajudando a outra com visões diferentes a cada história! Gratidão meninas por tudo!*

Cristina resgatou o seu contar e começamos a conversar fora do grupo sobre as histórias que ela foi se lembrando durante as narrativas. Ela compartilhou conosco fotos e vídeos de trabalhos que ela já tinha realizado e, podemos perceber, que a acolhida desse resgate por todos lhe motivou a reencontrar sua própria história.

Por outro lado, é preciso respeitar os silêncios que possam aparecer durante essa trajetória. Tanto as pessoas que saíram do grupo e aquelas que participam esporadicamente, precisam ser consideradas para a ampliação e continuação dessa proposta. Confirmação desse ponto de vista, pode ser percebida no relato feito por Nerci, dona de um espaço físico que promove cursos e que também é disponibilizado para encontros de diferentes grupos.

Nerci, 53 anos:

*Comecei a participar devido a admiração e amizade que senti por vocês depois de terem feito um evento aqui no meu espaço, Vegetus, eu adorei! Foi muito bom! Havia, também, gratidão pela gentileza de vocês em nos proporcionar estes momentos e a companhia de vocês é muito agradável, as histórias foram sempre interessantes, despertaram a imaginação, ajudaram a combater o isolamento e solidão do início da pandemia. Porém, com o tempo passando e a situação do vírus se tornando cada vez mais complicada, politizada e opressora, fui entristecendo. Peço desculpas, por não ter participado dos últimos encontros, mas as reuniões virtuais têm me provocado desconforto. Foi ótimo no começo, ajudou muito. Admiro imensamente sua habilidade em contar as histórias e sou muito grata pela sua gentileza, mas este "novo normal" que nos afasta das pessoas, do contato, do "olho no olho", me traz o receio e a sensação de que nunca mais voltaremos a nos encontrar como antes e isso é muito dolorido pra mim, sinto falta do contato pessoal, dos eventos que aconteciam aqui. De toda forma, os momentos partilhados valeram a pena, muito obrigada! Espero vê-la pessoalmente outra vez, em atividades presenciais e poder sentir ao vivo o encantamento das suas histórias. Gratidão!*

O comentário de Nerci termina com algo muito forte que leva ao questionamento de que, para algumas pessoas, não é possível “poder sentir ao vivo o encantamento” no espaço virtual.

Parar para refletir que caminhos estamos buscando dentro das nossas narrativas virtuais que, nesse momento, se constituem de tentativas, acertos e erros, nos mostra como é abrangente as possibilidades que criamos a partir de um convite virtual e da importância de considerar que, a narrativa aqui, não deve ser tratada como objeto de transferência daquilo que eu já fazia para o que eu me proponho a fazer nesse novo formato.

Outra forma de encontro tem sido através de histórias gravadas apenas por áudio, como o trabalho que mantive com um grupo de terceira idade. Gravo uma história por semana e envio para uma pessoa do grupo que repassa aos outros. Aqui, o convite inicial não é feito por mim e a devolutiva que tenho desse trabalho me chega através das impressões do entendimento daquilo que essa pessoa do grupo recebe.

Qual é, então, o convite que me faz permanecer na procura desse encontro com esse grupo e das pessoas que fazem parte dele, comigo? Resposta ainda em descoberta, o que posso adiantar é que compartilho da colocação feita pela professora Renata, referindo-se a fala da professora Ângela de que “voz é o desejo de encostar no outro”<sup>20</sup>. Como ter a clareza de que a minha voz encostou no outro, por um convite que não partiu de mim? Não tenho a clareza, mas continuo mantendo o desejo.

Como sugestão de Sandra Lessa, uma das coorientadoras deste trabalho de conclusão de curso, entrei em contato com Heny Vieira Morau do Centro de Convivência do Idoso<sup>21</sup>, e solicitei a ela a indicação de algumas pessoas que pertenciam ao grupo que recebia as histórias em áudio porque gostaria de conversar com elas, por telefone, a respeito dessa experiência. Além desse grupo, enviei as mesmas histórias para os colaboradores da biblioteca comunitária do Grupo Sol da Cidadania, uma organização da sociedade civil aqui de Jundiaí e na qual sou voluntária.

Inicialmente, a partir de abril, gravava toda semana um capítulo do livro *Índez de Bartolomeu Campos de Queirós* (2001). A própria Heny quis me dar seu relato, pois me disse que ela, também, ouvia todas as histórias. A pergunta por mim formulada é essa:

**“A história que você recebia semanalmente foi importante para você e por quê?”**

Abaixo apresento alguns trechos das respostas recebidas:

Heny, 60 anos:

*No momento da história eu parava tudo que estava fazendo e ouvia, ao mesmo tempo que acionava a minha imaginação. Algumas perguntas internas surgiam*

---

<sup>20</sup>GELAMO, Renata, informação verbal em aula da disciplina: **O corpo como território artístico e as narrativas de vida em busca da voz própria**, do curso de Pós-graduação Narrativas Artísticas em Contexto Urbano no dia 6 abr.2019.

<sup>21</sup> Projeto que acontece na Associação Espírita Beneficente Lar do Idoso de Jundiaí, casa que recebe esse público para diferentes atividades e, entre essas, a contação de histórias na qual sou voluntária.

*e o mais importante de tudo, é que nos minutos da história eu estava presente na história. Antônio<sup>22</sup> despertou em mim minha memória olfativa porque foi capaz de me levar até o fogão a lenha na cozinha da casa da minha avó e a sentir o cheiro do bolo de fubá que ela fazia.*

Maria, 77 anos:

*Foi muito importante, porque moro sozinha e é bom coisas diferentes, faz bem para a gente. Gostei muito da casa na roça, trouxe as minhas lembranças de criança. Eu não nasci na cidade, nasci na roça e a minha infância é baseada nessa história.*

Sônia, 64 anos:

*Gostei muito de receber as histórias. Eu achei interessante porque a gente fica um pouco perdida com essas mudanças que aconteceram e foi uma maneira de lembrar de coisas que aconteceram comigo, na minha infância. A minha casa tinha um assoalho igual a casa do Antônio e quando você contou isso e do barulho que o chão fazia, parecia que eu estava na minha casa do sítio, eu tinha uns sete ou oito anos na época, mas ouvindo, parecia que eu estava lá!*

Cecília, 62 anos

*Essa história narrada em capítulos foi muito especial porque criou muita expectativa e me fazia imaginar os próximos temas a serem abordados, me levou de volta a muitos acontecimentos da minha infância que já estavam adormecidos e que me fizeram ver o quanto influenciaram a minha vida como um todo.”*

O último relato que vou apresentar, recebi em forma de áudio de Lindaura (66 anos), voluntária da biblioteca do Grupo Sol e vou transcrever na íntegra:

*Em todos esses anos, jamais me passou pela cabeça viver um tempo tão diferente, um tempo de distanciamento, um tempo de isolamento. Mas nesse tempo, muitas coisas boas também afloraram e muitas coisas foram resgatadas por meio da música, da poesia e por meio de uma linda narração de uma história. Foi assim com Antônio, que chegou por capítulos uma vez por semana. Ouvindo aquela história tão linda, de um menino tão frágil, mas que foi trazendo tantas lembranças da minha infância, vivida numa pequena fazenda numa cidade do interior. A cada semana eu me embestia naquelas palavras, naquela linda narração, daquela vida vivida com tantos sacrifícios, mas de tanta riqueza, de amor, de sentimento, de amizade e de solidariedade. E assim, em tempos difíceis, a gente descobre nas coisas mais simples a beleza, a força, a coragem necessárias para seguir, acreditando e lembrando que tantas coisas difíceis já vivemos, mas viveremos também, muito mais coisas lindas! E o Antônio, naquela história linda, Indez, me trouxe lindas lembranças e ajudou sim, a passar por aqueles dias de distanciamento, a saudades dos filhos, dos netos, das atividades normais. Ajudou sim, trouxe alegria; uma linda narrativa que mexeu, muito, com a minha emoção e com a minha imaginação. Gratidão!*

---

<sup>22</sup> QUEIRÓS, B. C. Personagem principal do livro **Indez**, ed. Miguilim, Belo Horizonte, MG. 2001.

Após ter recebido esses relatos, poderia considerar que o *tédio*, como descrito por Benjamin (1987, p. 204 e 205), até então vivenciado por essas pessoas só foi percebido depois que as narrativas semanais começaram a chegar e, diante do recebimento dessas, o despertar para a experiência foi aceito e vivenciado e que a minha voz que chegou até as pessoas, é que posso entender como caracterizadora do ato de presença, da minha presença, que vai contribuindo e compondo o arco de sustentação para a ponte que venho constantemente tentando construir com o outro.

Surgiu, desses relatos, a pergunta se esse tipo de aproximação é possível com grupos de diferentes faixas etárias e tenho a percepção que a resposta possa ser positiva, mas acrescento que aqui também se faz necessário todo o trajeto por mim já partilhado, referente a buscarmos nos posicionar diante do outro e para o outro, pois o meio virtual não anula a consciência que devemos ter de como é importante pedirmos licença ao outro, até mesmo para partilhar.

Talvez a pergunta mais interessante que eu tenha descoberto até agora é se conseguiremos criar espaço para que as narrativas 'virtuais' não se percam de nós mesmos e possam consolidar essa ponte que estamos tentando construir. Será que isso é suficiente?

Busco apoio nas palavras de Estés (1998, p.39).

Embora nenhum de nós vá viver para sempre, as histórias conseguem. Enquanto restar uma criatura que saiba contar a história e enquanto, com o fato de ela ser repetida, os poderes maiores do amor, da misericórdia, da generosidade e da perseverança forem continuamente invocados a estar no mundo, eu lhe garanto que... será suficiente."<sup>23</sup>

Portanto, o suficiente pode vir atrelado com aquilo que eu, enquanto contadora de histórias busco compartilhar e que, mesmo virtualmente, também seja capaz de permitir aquele que me oferece sua escuta a continuar sendo protagonista da história.

---

<sup>23</sup> ESTÉS, C. P. **O Dom da História – Uma fábula sobre o que é suficiente**. Rio de Janeiro, 1998. p.39

## CONCLUSÃO

Concluir algo que buscamos constantemente, me leva a refletir sobre a importância de percebermos se o caminho que percorremos a procura do encontro com o outro é, de fato, aquele que será capaz de promovê-lo, mas tenho a impressão, que essa questão continuará se movendo na minha busca pelo entendimento de qual é o meu papel como narradora.

Para tentar responder o porquê do meu convite ser aceito pelo outro, foi preciso passear pela percepção de minhas influências pessoais e de como elas estão associadas ao meu fazer enquanto contadora de histórias, navegar pela minha trajetória profissional ao longo de mais de vinte anos e, também, pelos fazeres de pessoas que fui conhecendo nesse meio.

Atualmente, isto me ajuda a dizer que é possível ao narrador criar dispositivos para convidar o outro a lhe oferecer a escuta. Recordando que, quando preciso do outro para me auxiliar a encontrar a peça que falta do 'meu quebra-cabeças', aumenta o meu cuidado perante as escolhas que faço. Aqui não me refiro somente a história escolhida, mas a maneira e o caminho que será necessário percorrer para que o outro se sinta, realmente, convidado a participar dessa jornada.

A sugestão de criar convites para a escuta não tem como objetivo, aqui, apenas garantir um público para a narrativa e, sim, de tentar estabelecer laços entre as partes. Lembrando que o primeiro ponto para que isso realmente seja possível, é ser capaz de identificar se, quando o convite é aceito, esse não foi feito como imposição e sim, com respeito ao outro. Novamente é preciso lembrar que ao criar convites, estamos também, nos propondo a dedicar tempo a esse encontro, sem o qual não será possível construir e manter o arco de sustentação da ponte que buscamos estabelecer entre narrador e ouvinte. Quanto do tempo será dedicado ao outro, após uma 'contação de histórias' é uma escolha pessoal, que levará o contador a escolher o seu fazer e, penso, caminha com a necessidade individual daquilo que cada um procura na sua trajetória, pensando no encontro que deseja.

Investigar no próprio fazer quais são os convites que já o acompanham é descobrir uma identificação da sua maneira de contar, pois é se reconhecendo como contador de histórias que estes passam a ficar mais claros. Todo convite identificado durante uma apresentação, sendo ou não narrador, pode ajudar a construir a aproximação com o outro.

Portanto, os dispositivos por mim criados, os convites, podem contribuir para o fazer de outros contadores, bem como posso aprender, também, com os convites que percebo em narrativas que não são minhas. Interessante pontuar que esse convite, identificado e/ou aprendido, deverá ser aceito primeiramente por aquele que pretende fazer uso dele. Experimentar é, a meu ver, mais um cuidado que temos que ter quando vamos envolver o outro nessa nossa busca.

Quando compreendermos que, além da narrativa, nos for possível abrir espaço para a escuta do outro, vale ponderar se o caminho então proposto, de inversão de papéis, contribuirá para que o encontro permaneça e não abale a sustentação da 'ponte' que já nos foi possível construir, lembrando que ponte cria a possibilidade de ir e vir tanto para quem narra como para quem oferece a escuta.

Percebemos que a sustentação é real, quando for possível ao contador de história ter um papel de mediador entre as vozes: a própria e daqueles que oferecem a escuta. Mas essa certeza, precisará estar associada ao respeito que é necessário ter ao 'território' do outro. Poderia usar, como exemplos, falas já tanto marcadas como apropriação cultural ou representatividade de minorias. Para não cair nessa armadilha, é preciso recorrer novamente a dedicação, cuidado e tempo que caberá ao contador de histórias nessa construção, pois, muitas vezes, é preciso entender que só somos aceitos como mediadores depois que formos convidados a essa posição e que, mesmo para abrir espaço para nos colocarmos como ouvintes, mais uma vez esse convite não parte, necessariamente, de nós. Portanto, apesar dos laços já estabelecidos, pedir licença toda vez que for possível se colocar como mediador e, também, ser capaz de dar licença ao outro.

Quando cheguei próximo ao entendimento de como criar convites para envolver o outro durante um encontro presencial, me deparei com um novo e grande desafio: o

meio virtual. Ferramenta essa vista, de certa maneira, como uma ‘tabua de salvação’, mas logo percebi que remar apenas não seria suficiente.

Como criar convites para envolver o outro nesse meio é um novo campo de estudo e, o que posso dizer da minha experiência até agora, é que todas as ponderações já apresentadas precisam ser cogitadas para a criação de convites virtuais, lembrando que, nesse formato, temos que ter ainda mais claro o porquê de estarmos convidando o outro. Importante, também, sermos mais flexíveis com aquilo que acreditamos já estar pronto e que vamos oferecer ao outro e estarmos, de certa maneira, mais atentos ainda ao público que vem. Um bom início, para a percepção da aceitação de um convite virtual, penso que seria começar o encontro com a escuta do outro.

De minhas leituras sobre esse assunto, considero que um estudo mais aprofundado de atos de presença será necessário para nós, contadores de histórias, para começarmos a ter mais clareza em relação aos possíveis convites no meio virtual.

Quando oferecemos um convite ao outro para caminhar conosco por uma história e buscamos através dessa que o encontro aconteça, estamos constantemente construindo a ‘ponte’ que nos levará até onde desejamos, inicialmente, que a história nos conduzissem.

Posso dizer que acredito que aquilo que está entre o convite e o encontro é justamente o que vamos construindo com o outro e, se essa ponte construída nos fará chegar aquilo que idealizamos como um encontro realizado, ainda é uma questão que procuro constantemente entender para tentar responder, pois os novos encontros trazem, sempre, novos entendimentos e, de certa forma, renovam essa minha busca. Deste encontro idealizado, posso exemplificar como o ‘meu encontro’ acontece, embora seja difícil colocar em palavras uma sensação que é sinestésica, que transforma aquele *frio inicial na barriga* que antecede a narrativa em uma vibração muito maior, que se espalha por todo o corpo, como uma espécie de arrepio bom que provoca uma vontade de sorrir o tempo todo. É como se eu me reencontrasse com a história ali dita, pelo olhar do outro, pela emoção que percebo no ambiente, pelas risadas compartilhadas, por aquela sensação de que tudo deu certo, que chega pela fala posterior dos adultos e pelo

abraço das crianças. Como se a cor que eu vi na história, fosse de certa forma, a mesma para aqueles que me ofereceram a escuta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Luís Alberto, **O narrador contemporâneo**, Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/362961194/O-Narrador-Contemporaneo-Luis-Alberto-de-Abreu>>. Acesso em: 28 maio.2019. ps.4, 17 e 18.

BARTHES, Roland, **Fragmentos de um discurso amoroso**, Rio de Janeiro, F. Alves, 2ª ed. 1981. p. 85

\_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 2004. p.93

BENJAMIN, Walter. **O Narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov** in *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo. Editora Brasiliense, 3ed. 1987, p. 204 e 205.

BRANCO, Ângela Castelo, informação verbal em aula da disciplina **O corpo como território artístico e as narrativas de vida em busca da voz própria**, do curso de Pós-graduação Narrativas Artísticas em Contexto Urbano no dia 5 out.2019.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**, São Paulo. Companhia das Letras. 2ed. 2003. p.79

CARPEGIANI, Schneider. e FELITTI, Chico. e RODRIGUES, Sérgio. informação verbal em Café Literário - **Jornalismo literário ou literatura jornalística? Como os meios e as mediações entre literatura e vida encontram seus caminhos hoje?** SESC Unidade Sta. Rita, Paraty/RJ FLIP 2019 em 14 jul.2019.

CONNERTON, Paul. **Como as Sociedades Recordam**. Oeiras, Celta Editora. 2ª ed. 1999, p.24.

ERDTMANN, Letícia L. informação verbal em aula da disciplina: **O corpo como território artístico e as narrativas de vida em busca da voz própria**, do curso de Pós-graduação Narrativas Artísticas em Contexto Urbano durante os semestres em estudo (2019 e 2020).

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O Dom da História – Uma fábula sobre o que é suficiente**. Rio de Janeiro, ed. Rocco, 1998. p.39

FRIQUES, Manoel Silvestre. **Não sobre o amor: produção de presença e novas mídias na arte contemporânea**. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/1794/1457> Acesso em 07out.2020. p.7

GELAMO, Renata, informação verbal em aula da disciplina **O corpo como território artístico e as narrativas de vida em busca da voz própria**, do curso de Pós-graduação Narrativas Artísticas em Contexto Urbano no dia 6 abr.2019.

LESSA, Sandra Urizzi. **O Narrador está em quem ouve: O estudo de histórias de vida no trabalho de ator-performer**. Dissertação-Mestrado Artes – Unicamp. Campinas, SP. 2012. p.130

MACHADO, Regina. **Live - Regina Machado. Abertura da Programação do Curso de Formação de Contadores de Histórias**. Canal do Facebook de Curso da Hans, 2020. Disponível em <https://www.facebook.com/cursodahans/videos/787854591966433>  
Acesso em 15 de set. 2020

MAUCH, Fabiana Dainese. **Você é um construtor de muros ou pontes?** Disponível em: <https://www.resilienciamag.com/voce-e-um-construtor-de-muros-ou-pontes/>  
Acesso em 14 set.2020.

OLIVEIRA, Nelson de. **Abismo** - Caderno *Mais!* Folha de São Paulo, 2004.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Arte e Educação** in Sobre ler, escrever e outros diálogos. São Paulo: ed. Global, 2ª ed. 2019. ps. 109 e 112

\_\_\_\_\_. **Índex**. Ed. Miguilim, Belo Horizonte, MG. 2001.

\_\_\_\_\_. **Ouvir histórias, ler o mundo**, acervo pessoal. s.d. Texto conferido com cópia gentilmente cedida por Carmélia Cândido. Disponível em:  
[https://youtu.be/CEy\\_NfOA0us](https://youtu.be/CEy_NfOA0us)

SCHECHNER, Richard. **O que é performance?** in O Percevejo. Ano 11, 2003, nº12. p.25

TEIXEIRA, Ana. **Escuto histórias de amor**. Disponível em:  
<https://noticias.band.uol.com.br/cidades/noticias/100000500317> Acesso em 18 set.2020.

**Teoria das cores**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria\\_das\\_cores](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_das_cores)  
Acesso em 11 nov.2020